

# Aprendizagem e construção do conhecimento em Educação Física

Clézio J.S. Gonçalves  
Luciana de Menezes Coelho

"Ter um corpo é condição de existência...  
Ser um corpo, é condição de humanidade".  
Gonçalves, 1997

## Resumo

*Este artigo busca uma discussão sobre a necessidade de analisar a aprendizagem e a construção do conhecimento também através da perspectiva do corpo em movimento, buscando ultrapassar uma visão imobilista presente no universo escolar.*

*Palavras-chaves: aprendizagem; conhecimento; movimento.*

## Abstract

This article searches for the need of examining the learning process and knowledge achievement through the human body movement perspective, seeking to go beyond the sight of immobility that exists in the school scope.

**Key words:** *learning; knowledge; movement*

Este texto<sup>1</sup> tem por objetivo levantar algumas questões que, pela prática de magistério público tanto estadual quanto municipal, bem como no exercício de docência na universidade, tem norteado a reflexão deste autor cujo debate considero necessário para o alargamento dos campos de intervenção da construção do conhecimento na Educação Física e nas demais disciplinas, mesmo correndo-se o risco de perder-se no campo da polêmica. Talvez para muitos, isto represente uma razão mais do que suficiente para abandonar-se o caminho de cons-

trução de um conhecimento e voltar-se para a trilha fácil do saber pronto e acabado que é vendido em doses homeopáticas em qualquer banca de revista de esquina como receitas pré-fabricadas.

Apesar das dificuldades, a construção de um conhecimento (grifo nosso) representa um desafio neste final de século, pois compromete o professor na sua relação com o aluno e o questionamento constante de pressupostos que orientam a sua prática. Comprometer-se com isto, é comprometer-se com uma mudança. Cer-

Clézio J.S. Gonçalves é Mestre em Educação (FACED-UFRGS) e em Pedagogia do Movimento (CEFID-UFSM) e Prof. do Depto. de Ed. Física da ULBRA e do Depto. De Ginástica e Recreação da ESEF-UFRGS e Luciana de Menezes Coelho é Acadêmica do Curso de Psicologia - ULBRA

<sup>1</sup> Este texto reúne as idéias apresentadas e discutidas no Seminário Reorientação Curricular Aprendizagem e Construção do Conhecimento promovido pela SMEC/Gravatá nos dias 03 e 04 de agosto de 1998, que referem-se às questões gerais sobre a construção do conhecimento em Educação Física junto aos professores da disciplina e com os docentes de currículo por atividade.

Textura	Canoas	n. 2	1º semestre de 2000	p. 71-76
---------	--------	------	---------------------	----------

tamente não uma mudança que acontece apenas por acontecer com um sentido de volubilidade, mas sim como possibilidades sempre presentes nas realidades que se descortinam pela frente. Possibilidades que representam potenciais a serem desenvolvidos. Num mundo em constantes transformações faz-se necessário que os profissionais busquem atualizar seus conhecimentos em razão da velocidade cada vez maior de mudanças que ocorrem no mundo científico da atualidade. Se assim não se proceder, corre-se o risco de rapidamente tornar-se desatualizado das novas descobertas que surgem no meio acadêmico possibilitando um maior aproveitamento dos potenciais criativos que a profissão apresenta. A Educação Física também encontra-se nesta perspectiva.

Para analisar-se a questão da aprendizagem e a construção do conhecimento em Educação Física, também é necessário uma compreensão da construção do conhecimento no ser humano. Torna-se assim, uma questão delicada na medida em que afeta também as demais áreas uma vez que a disciplina Educação Física está inserida nas grades curriculares da escola. Esta, nos seus diferentes regimentos, apresenta sempre um *objetivo* geral que, entre outros, busca *formar/ preparar/ desenvolver/ educar/ potencializar/ possibilitar* um *aluno/educando/cidadão/ sujeito* para ser *crítico/atuante/transformador* de forma *global/total/geral* que *atue/intervenha/transforme* a sociedade. Os verbos são diferentes de escola para escola, mas a essência é a mesma. Pode-se construir um objetivo geral reunindo-se em diferentes ordens os verbos anteriormente citados. Na maioria dos regimentos escolares propõe-se trabalhar o aluno como um ser em totalidade e/ou global. Pelo menos, até o momento, em 16 anos de exercício no magistério público não encontramos uma escola cujo regimento afirmasse em seu objetivo geral *trabalhar com o aluno de forma fragmentada*.

Se é objetivo formar/preparar um aluno de forma **global/total/geral** se está afirmando a busca da construção do conhecimento como um todo. Porém ao existir uma disciplina com o nome de **Educação Física**, estou afirmando também que existe uma **educação não-física**. Na realização de inúmeras palestras/cursos pelo Brasil, conversando entre professores, ou mesmo perguntando-se para os alunos na escola, de for-

ma geral falar em Educação Física é referir-se ao corpo, movimento, rua / pátio (que nada mais é do que espaço), brincadeira, jogos e saúde. Já a educação não-física é representada através do trabalho mental, exigência da cognição. Assim é desenvolvida em sala de aula (num espaço restrito cujos desdobramentos Foucault, 1988 já alertava), em silêncio pois é sério, intelectual. Tal separação fica ainda mais nítida nas afirmações de alguns professores de classe de currículo por atividade ao final de uma aula de Educação Física que comentam “...*agora acabou a brincadeira. Vamos começar a aula.*” Uma aula de Educação Física é apenas brincadeira? As operações cognitivas não acontecem? Infelizmente confunde-se algumas vezes **a seriedade de um determinado conteúdo com a formalidade com o qual o mesmo é desenvolvido**. Um profissional qualificado sabe também desenvolver um conteúdo sério através de brincadeiras.

Algumas questões são suficientes para deixar muitos professores (inclusive estes autores) à procura de uma resposta consistente. Pode-se perguntar para um professor de currículo por atividade ou área “*Será que não é possível desenvolver a aprendizagem procurando-se trabalhar também com a dimensão do movimento do aluno?*” Para um professor de Educação Física poderia-se perguntar o seguinte: “*que tipo de abstrações os movimentos auxiliam a construir e/ou interferem na construção da subjetividade e do conhecimento do aluno?*” É claro que esta questão para o profissional da educação física não entraria no mérito da relevância e da necessidade que a atividade física representa para um corpo em desenvolvimento orgânico como no caso dos alunos, mas levaria-se em conta que a maior característica diferencial na natureza do ser humano é a sua capacidade de abstração é que poderia-se perguntar “*quais as contribuições do movimento neste sentido?*”. Na maioria das vezes a resposta será um sonoro “*Isto não é da minha área.*” Para o primeiro professor, parece que rapidamente esquecemos que o ser humano, filogeneticamente falando primeiramente aprende a se movimentar no seu caminho evolutivo para depois aprender, através da sua *ação e intervenção* no mundo, a comunicar-se ampliando ainda mais esta ação. E no segundo caso, o que nos distingue evolutivamente das demais espécies é justamente a nossa capacidade de



abstração que possibilita uma intervenção no mundo. Assim, que categorias de abstração estamos construindo na Educação Física quando nosso aluno movimenta-se? Muitas respostas buscarão refugiar-se na dimensão afetivo e social, cuja relevância é fundamental, mas não suficientes para dar conta da complexidade da construção do conhecimento no indivíduo nas suas diferentes compreensões.

Na realidade, e muitas vezes é doloroso admitir-se isto, mas o atual sistema de ensino trabalha dentro de um processo fragmentado. Até aí nada de novo, o que não é mais possível continuar é com um **discurso de globalidade com uma prática fragmentada**, uma vez que o sujeito que é formado de forma **fragmentada** é completamente **diferente** daquele que é organizado numa concepção global. Mas aí impõe-se o desafio *como trabalhar de forma global, quando também fomos formados de forma fragmentada*. Neste sentido não basta apenas discursar a necessidade de uma compreensão global, mas admitir-se a possibilidade de rever os próprios conceitos implícitos na formação pessoal e retomar o processo de aprender, iniciando-se um **aprender a aprender**. Um aprender como processo contínuo e permanente de vida, e não apenas como estágio de formação e titulação.

Essas reflexões são uma provocação inicial pois a dinâmica do nome da disciplina, Educação Física, traz em seu bojo uma fragmentação que atinge a pretensão dos objetivos das escolas que buscam trabalhar o aluno como um todo. No entanto a continuar com esta abordagem acentua-se a fragmentação da dicotomia mente/corpo que não possui mais sustentação na pesquisa científica da atualidade (Damásio, 1995, Wilson 1998). Esta discussão tem sido alvo de debates acalorados entre inúmeros pesquisadores ao longo dos séculos e, em virtude das atuais técnicas de estudo e pesquisa sobre o cérebro humano, parece encaminhar-se talvez, para um consenso mínimo. Se, como professores, vamos trabalhar com a formação do aluno, é bom começarmos a compreender como se constrói o conhecimento nos seus aspectos epistemológicos, nos seus desdobramentos filosóficos e principalmente, como esta estrutura “cérebro” organiza-se (Searle, 1997, Sarli, 1998).

A quem interessa a permanência desta fragmentação? Esta dicotomia conceitual refle-

te-se nas práticas pedagógicas das escolas e também nas Universidades onde a existência de duas unidades (Escola/Institutos/Faculdades de Educação Física e Instituto/Centro/Faculdades de Educação) demonstram que a superação dessa fragmentação encontra-se ainda distante da construção de uma teoria do conhecimento para compreender este ser humano no processo educativo em sua totalidade (mente-cognição / movimento-corporeidade), necessitando-se para tanto de muito diálogo e revisão conceitual. Assim, ou a educação é educação de forma global e avalia-se *também* a importância do movimento, da corporeidade com suas implicações na construção das subjetividades, na cognição e nas formas de conhecer o mundo (Assman, 1993) ou encaramos esta Educação de forma fragmentada e aí a Educação Física vai preocupar-se apenas com o corpo e movimento dos alunos na forma mecânica. Mas não se fala mais em construção de um aluno como um todo. O que precisa começar a acontecer é um mínimo de coerência com os princípios que orientam a nossa prática pedagógica e a visão de ser humano como tal.

Assim, a aprendizagem e a construção do conhecimento também em Educação Física reconhece a necessidade de ir além dos referenciais do senso comum que vêem a Educação Física como uma disciplina voltada exclusivamente para a manutenção da saúde do corpo. Busca consonância com os mais diversos avanços que a ciência tem pesquisado, nas suas diferentes áreas, onde se percebe a complexidade deste ser humano que evolui e aprende. A área da Educação Física tem um aspecto paradoxal... se um profissional desejar ele pode trabalhar os seus alunos como máquinas em busca de performance. O único problema é que seres humanos não são máquinas. E este é o paradoxo da Educação Física posso lidar com o ser humano como máquina...mas ele é muito mais do que isto.

Este trabalho irá partir de alguns princípios gerais cuja simplicidade pode parecer elementar. Mas como diz Sagan “...a mente crédula sente um grande prazer em acreditar em coisas estranhas. E quanto mais estranhas elas forem mais facilmente elas serão aceitas. Mas ninguém quer aceitar as coisas simples e maravilhosas que a natureza nos ensina, porque qualquer um pode acreditar nelas.” (Sagan, 1996, p 26). Esses princípios analisam o ser



humano como um **organismo natural** que, na sua história **evolutiva como espécie**, partiu de **estruturas simples para estruturas mais complexas**, com tendência natural de **movimento e expansão** que alteram a sua **estrutura cerebral**. Esta estrutura possibilita a aprendizagem de **sistemas simbólicos e da linguagem**, permitindo uma capacidade ímpar de **intervenção** no seu meio e de construção de **abstrações**, conferindo a capacidade de realizar previsões e deixar marcas no seu ambiente, distinguindo-o significativamente em toda a natureza.

Assim a existência da mente é um fato presente na espécie humana, justamente pela sua capacidade de trabalhar com símbolos existentes nas palavras/conceitos que se manifestam na fala e na escrita. E os conceitos estão presentes em nosso meio porque nós trabalhamos com uma linguagem. Um fato inquestionável é que as palavras fornecem um poderoso manancial de ferramentas que disponibilizam uma profunda exploração do meio ambiente, distanciando-se dele, analisando-o e planejando sua ação futura.

É fantástico, este simples momento na história pessoal, quando da transição de gestos e movimentos para a comunicação de seus pensamentos **também** através das palavras/símbolos. Nenhum outro momento é tão capacitador em termos de potencialização da mente como este ao adquirir-se um sistema de códigos, sinais e símbolos que lhe permite a reflexão do meio e, principalmente de si próprio. Quando a humanidade passa do estágio do movimento e da ação instintiva para o pensamento e a representação, é como se a espécie embarcasse em uma astronave espacial e fosse arremessada a uma distância de anos-luz em relação às demais espécies de nosso ecossistema. Como diz Pinker

Ao ler estas palavras, você estará participando de uma das maravilhas do mundo natural. Pois você e eu pertencemos a uma espécie com uma característica notável; podemos dar forma a eventos nos cérebros de outras pessoas com extrema precisão...essa capacidade é a linguagem. Simplesmente por fazermos barulho com nossas bocas, podemos com confiança, fazer com que surjam novas combinações de idéias nas mentes de outras pessoas. Essa capacidade surge tão naturalmente que tendemos a esquecer quão milagrosa ela é. (Pinker,1997, p.73).

É importante a esta altura, frisar que concorda-se com o princípio em ciência de que toda ontogênese (desenvolvimento do indivíduo) repete a filogênese (desenvolvimento da espécie)(Fonseca, 1982) como base para compreender-se a diferença do ser humano para os demais seres na natureza.

Nós não **temos um corpo, mas somos um corpo**, (Moraes, 1993), na medida em que nenhum ser humano pode existir **de forma concreta prescindindo do seu corpo**. As implicações da dinâmica do movimento, da consciência do próprio corpo na construção de nossas subjetividades e na nossa forma de construir o conhecimento e perceber o mundo foram a matriz que nortearam o trabalho de oficina desenvolvido junto aos professores da rede municipal de Gravataí em Agosto de 1997 (professores de educação física e currículo por atividade, cada uma num total de 06 hs) que, apesar de algumas pesquisas na área (Gonçalves, 1997/1998) necessita de maior tempo de aprofundamento e continuidade, pois representa um caminho de investigação rico e potencial. As experiências que se tem desenvolvido junto aos alunos de Graduação dos cursos de educação física, pedagogia e prática desportiva na Escola de Educação Física da Universidade, onde os mesmos escrevem a respeito de suas vivências/experiências e reflexões daí decorrentes a respeito das atividades que desenvolvem, corroboram também a necessidade de aprofundamento destas questões.

Em qualquer situação a experiência gratificante é quando um discente percebe ao final de seu trabalho que aquele processo de registro de suas impressões lhe permite realizar uma melhor avaliação de todo o semestre possibilitando-lhe uma melhor compreensão deste período de aprendizagem. Estes registros permitem demonstrar a dificuldade que os alunos possuem de desenvolver as suas próprias idéias e mais ainda falar e escrever sobre como se sentem. Assim, um dado que percebe-se claramente é o de que a vivência das atividades confirmam a afirmação de que no tocante à experiência corporal **ninguém passa indiferente**.

Os trabalhos desenvolvidos em atividades de assessoria a inúmeras escolas e municípios do Rio Grande do Sul (Lajeado, Caxias, Sarandí, Ibirubá, Guaíba, Camaquã, Tapes, Santa



Maria, etc...), através de encontros e oficina tem nos possibilitado a multiplicação desta proposta junto aos professores que participam das mesmas. Através dos seus relatos e acompanhamento verifica-se que a tentativa de trabalhar-se o movimento orgânico em conjunto com a construção do conhecimento incluindo-se a dimensão do movimento tem apresentado benefícios diversos para todos. Pode-se citar aqui também as experiências desenvolvidas pelos autores em escolas públicas de diferentes municípios que corroboram os princípios descritos, assim como assessorias que tem-se realizado em redes municipais de ensino de outras comunidades (como Cachoeirinha, Esteio, Osório, Arroio do Sal, Campo Bom, Passo Fundo, Santa Cruz, Jaguarão, Santa Vitória, etc.)

Nesses tempos de globalização, cria-se uma realidade com características distintas do cotidiano concreto. Os conteúdos dissolvem-se de maneira sutil, confundindo as fronteiras entre um conhecimento e o outro. Assim é comum o retorno do ser humano ao seu corpo e à sua corporeidade como forma de busca de um referencial concreto e perceptível de sua identidade, seus limites e suas potencialidades (Santos, 1994). É um tempo rico para o crescimento, o intercâmbio e a evolução. Mas também é um tempo marcado pelo medo e pelo individualismo. Tempo propício para os charlatães, os profetas e messias salvadores de plantão que, com promessas de toda espécie que promovem um obscurantismo cognitivo na busca de súditos fiéis e adestrados. Apontam o alcance do paraíso pessoal através de algumas receitas do faça isto e aquilo, esquecendo-se de que o ser humano tornou-se como é através da sua interação com o outro e da sua intervenção no meio. O medo empurra as pessoas para respostas simples, porem indefensáveis em termos argumentativos. Quando deixa-se de observar, de analisar com sensibilidade a realidade que nos rodeia começa-se a crer nas relações míticas, criando-se assim um mundo que não encontra fundamentos numa leitura mais apurada.

Ainda assim, por mais que se multipliquem as trocas, a dimensão de existência concreta de um indivíduo será determinada pelos limites e percepção de seu organismo, pois a sua leitura será sempre uma possibilidade organiza-

cional da realidade no meio de tantas outras. A qualidade de vida de cada indivíduo estará ligada às condições concretas de interação com o meio através de seu organismo. O movimento é portanto este indicador de outras possibilidades de uma manutenção saudável de suas condições orgânicas mas principalmente da consciência de suas sensações, seus sentimentos, sua revisão de passado e construção de possibilidades futuras que o ser humano irá elaborar na busca de condições cada vez melhores de existência. É claro que não se pode parar no mero movimento pelo movimento fruto de um praticismo sem reflexão desencadeando meros automatismos motores. Mas, movimentar-se em interação com o meio através das ferramentas conceituais da linguagem é, com certeza uma condição essencial da ação humana.

A construção do conhecimento e a formação pessoal, sob este enfoque, objetiva uma melhor disponibilidade do indivíduo a partir de vivências que possibilitem a conscientização das limitações e facilidades que cada um apresenta na relação consigo mesmo, com os outros, com os objetos, com o meio e com o conhecimento. A tarefa à qual se propõe é alicerçada em apresentar algumas reflexões teóricas sobre as práticas corporais, suas implicações na formação de um profissional da educação, e em oportunizar vivências que favoreçam o prazer do movimento da aprendizagem e da comunicação. Assim não se fica apenas no conteudismo teórico afastado de uma intervenção na realidade e nem num praticismo ativista do “fazer pelo fazer” sem a devida compreensão dos efeitos no sujeito que aprende.

Procura-se intercambiar a aprendizagem e a construção do conhecimento através da vivência de experiências corporais (prática) com as reflexões e desafios cognitivos que os mesmos implicam (teoria) na reorganização de conhecimento que um sujeito pode desenvolver. O trabalho não é simples, pois implica em uma questão chave nas relações de ensino-aprendizagem... o professor também disponibilizar-seia para aprender e reorganizar a sua compreensão de mundo, pois sendo um processo contínuo e permanente, todos nós estamos sempre aprendendo. Movimento é sinal de vida e vitalidade. Abrir mão deste aspecto da natureza humana, é desconsiderar o potencial que a na-



tureza disponibiliza ao ser humano nas suas relações com o meio.

Se, conforme Freire (1981) e Fiori (apud Freire 1981), aprender a ler e a escrever é aprender a ler e a escrever o mundo situando-se nele, percebe-se o quanto é necessário avançar-se conjuntamente no sentido da leitura, escrita e do movimento como processos intimamente ligados. É fundamental escrever não apenas a respeito *de algo* mas também a respeito de **si próprio** como forma de deixar suas **próprias marcas**. É necessário compreender a unidade comunicativa do ser humano nas suas dimensões do movimento e da linguagem como uma decorrente da outra e cujos efeitos da não compreensão da abrangência de sua complexidade podem ser danosos no desenvolvimento pleno de um indivíduo. Infelizmente o que se observa ocorrer é exatamente a dissociação deste processo que deveria ocorrer integrado.

Talvez aqui tenha-se, após todas estas reflexões, encontrado um ponto de contato com o senso comum. Todos conhecem um mágico. Os mágicos como tais não aceitam assim ser chamados pois sabem que não fazem magia, eles produzem ilusões. Ou seja, fazem-nos crer em algo que não está lá, enganando-nos através dos olhos. Magia é fazer acontecer algo a partir do nada. Nos filmes (graças a sua tecnologia) tem-se a impressão (falsa) de que acontece uma magia. Mas seja em qualquer época a atuação de um mago sempre constituiu-se de uma enunciação de sons (palavras mágicas) e da realização de um gesto e abracadabra - algo acontecia ou surgia do nada.

Talvez neste sentido o senso comum tenha nos ocultado uma sabedoria que agora, com os avanços da ciência começamos a perceber... **o gesto (movimento) certo com a palavra certa, na hora certa ...faz acontecer mágica.**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMAN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. São Paulo: Ed. Unimep, 1993.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FONSECA, V. **Filogênese da Motricidade**. Edições 70, Lisboa: 1982.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Ed. Graal, 1988.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1981.
- GONÇALVES, C.J.S. **Do Corpo que sente ao corpo que aprende**. Santa Maria. Dissertação de Mestrado, CEFD – UFSM, 1997.
- HUMPREY, N. **Uma história da Mente**. São Paulo: Ed. Campus, 1995.
- MERLAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1971.
- MORAES, J.F.R. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In MOREIRA, W., Org. Ed. **Física e Esportes. Perspectivas para o século** São Paulo: Papyrus, 1993.
- PINKER, A. **Fundamentos da Neurociência**. São Paulo: Print Hall do Brasil, 1997.
- SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hiuatec, 1994.
- SARLI, K. **O Cérebro e a liberdade**. Portugal: Instituto Piaget, 1998.
- SEARLE, J. **Os Mistérios da Consciência**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- WILSON, E. **Consciliência**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

